VERGONHA E MEDO



AMY VIOLET

VERGONHA
E
MEDO

Para Vilanir, que sua alma tenha encontrado a paz.

[...] Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos

Nem fomos mais do que crianças.

Fernando Pessoa.

ENCONTRO

Meu pai uma vez me disse que tudo na vida tem seu propósito. Que nenhuma folha de nenhuma árvore caía sem uma razão. Que nenhuma pessoa nascia de alguma pessoa sem ter um destino, um motivo. Perguntei a ele então:

– E por que alguma criança nasce com pais que batem nela?

Nesse momento ele pôs as mãos de cada lado do meu ombro e falou:

– Tudo tem um propósito, mas esse propósito nem sempre vai estar visível a olho nu. Existem propósitos que apenas as pessoas envolvidas sabem.

Eu guardei aquilo comigo até hoje, mesmo depois da morte dele não ter um propósito satisfatório. Mesmo que a vida não tivesse um propósito que justificasse a existência humana, eu ainda tinha que ir para escola. Me viro na cama e vejo minha mãe parada ao pé da porta.

– Mike, só dez minutos e eu tô saindo. Só d-e-z minutos. – disse ela colocando o dedo indicador em cima do pulso e dando batidinhas.

Me viro, dando as costas para ela e puxo meu lençol para cima do meu rosto. Esperei passar um segundo, respirei fundo e levantei. Enquanto me banhava e colocava a roupa eu sentia meus olhos se enchendo de lágrimas, elas saíram descontroladamente e eu peguei minha mochila e desci as escadas. Minha mãe já estava no carro buzinando, passei pela sala correndo e encostei a porta. Entrei no carro e minha mãe olhou para mim percebendo tudo. Ela deu uma tapinha no meu ombro antes de ligar o carro.

– Ele está bem agora, querido. Não se preocupe.

Uma pessoa morta está bem? Foi o que eu quis dizer, mas n disse, encostei a cabeça na janela do carro e desejei estar bem também. Eu sabia que minha mãe estava mal, mas ela estava se controlando na minha frente. Ela ainda tinha um trabalho, um filho para cuidar. Durante o trajeto da nossa casa até a escola eu vi que ela se forçava a comentar algo para tentar me fazer rir. Percebi que as vezes as pessoas fazem um esforço tremendo para não ficarem tristes, para não desabar. Mas, merda, meu pai tinha morrido. Chorar o luto é o que as pessoas fazem.

Quando enfim chegamos, dei um beijo na bochecha da minha mãe e falei que amava. Ela também disse que me amava e eu saltei do carro em direção a entrada da escola. Enquanto caminhava fui surpreendido por um peso em mim, e eu já estava caindo. Alguém tinha me empurrado, mas não era isso. Alguém esbarrou em mim e tava em cima de mim. Senti que ela saiu e levantou, ouvi a voz:

– Foi mal, me desculpa, me empurraram.

A minha surpresa ao olhar pra cima e ver que era um menino não foi maior que ver que muita gente viu o que acontecia e rindo. Juntei minha mochila e vi que o menino estava totalmente vermelho e gaguejando. Atrás de nós eu vi o Tony e o grupinho dele rindo. O menino que foi jogado por eles de toda e total vontade era do primeiro ano, claro, deveria ser o primeiro dia do menino aqui e já se tornou o brinquedo de prazer doentio de Tony e seus capangas. Me levantei e juntei minha mochila. O garoto ainda continuava pedindo desculpas e gaguejando. Acho que ele estava com medo de apanhar.

– Cara, tá tudo bem. – falei me afastando.

Segui indo pelo corredor para a aula de inglês e percebi que alguém estava atrás de mim. Olhei para trás e vi o garoto. Essa não, ele não podia estar me seguindo.

– Olha, tá tudo bem, cara. – falei e vi que ele fez uma cara de estranheza.

– Eu só tô indo pra aula de inglês. – disse ele com a voz mais calma.

Sorri. Merda. Balancei a cabeça e me afastei dele. Entrei e sentei no meu lugar. Logo depois, o senhor John chegou, ajeitando os óculos como sempre e subindo as calças. Aquilo ainda conseguia ser cômico e tirar alguns risinhos abafados de alguns alunos. O professor estava motivado aquele dia e nos obrigou educadamente a escolher um poema até o fim daquela semana e decorar para sentir e viver o que o poeta quer que nós sintamos, conforme as palavras dele. Eu não lia nada, não conhecia poetas e não gostava de falar dos meus sentimentos, mas a Internet servia para isso, lembrei de imediato e aquilo me acalmou.

Percebi que o garoto que jogaram em cima de mim me olhou algumas vezes durante a aula. Eu olhei uma única vez e percebi que o cabelo dele caia nos olhos dele. Eu ainda senti o olhar dele em mim algumas vezes e aquilo estava me irritando. Foi quando vi um pingo cair em cima da mesa, era sangue. A aula já havia acabado e eu não ia precisar pedir para sair, peguei minha mochila e saí tapando o nariz.

– Toma.

Me virei e vi o garoto me oferecendo um pedaço de papel toalha dobrado. Peguei e coloquei no meu nariz.

– Valeu.

Ele sorriu, se virou e caminhou em direção às escadas. Fui até o banheiro e me olhei no espelho. Limpei mais uma vez com o papel e depois joguei no lixo.

Encontrei Marcus na aula de Biologia. Ele parecia feliz com a ideia de olhar sangue no microscópio pela milionésima vez.

– Essa escola não tem anfíbios pra gente cortar não? – falou James aparecendo com quatro livros nas mãos e colocando em cima da mesa do Marcus.

James usava óculos desde a primeira série do fundamental e era tão ruivo que até em suas mãos tinham sardas.

– Dá pra você tirar seu lixo da porra da minha mesa? -falou Marcus calmamente e baixo. Marcus era a única pessoa, - ou melhor no mundo, que se precisasse falar um palavrão mantinha a educação sem falhar.

– Não, não é lixo, são sabedoria digitada e impressa.

Ignorei os dois e fui para minha cadeira, não por privilégio, ela ficava ao lado da janela. De repente as nuvens estavam mudando e logo começou a chuviscar. Comecei a pensar na kat, eu ainda sentia a falta dela, falta dela me ligando durante as manhãs de sábado, e agora ela me odiava e já estava com outro. Ver alguém que você amou muito pode doer muito, eu não sabia disso até ver ela bem ali na linha frente, abraçando o Taylor e sorrindo como se eu não fosse nada. Fecho meus olhos para me afastar daquilo. Quando abro novamente estou olhando a porta quando vejo o garoto de novo entrando na sala. *Tá de brincadeira?* Quem colocou nossos horários tão juntos? Ele olha procurando uma mesa vazia e me vê. O encaro e ele me olha de volta, vê que a cadeira atrás de mim está vazia e vem andando em direção a ela. Merda. Agora eu sentia que esse novato esquisito estava perto de mais de mim, pairando ao meu redor. Ele sentou e o professor entrou na sala. A chuva começou a ficar mais forte durante o decorrer da aula, eu já ansiava pelo horário do almoço.

Tive mais duas aulas e depois Marcus e James e eu fomos para o refeitório.

– A gente tem que ir no cinema! – disse James na sua voz estridente e perturbada.

– A gente já foi no sábado passado. – Retrucou Marcus.

– E? Somos adolescentes e somos descentes, isso é bom de se fazer com os amigos.

– Eu não sou decente não, nem o Mike é decente, né Mike?

Só percebi que Marcus estava falando comigo porque ele arregalou os olhos e os olhos dele já eram consideravelmente grandes.

– Você tá bem cara? – disse Marcus me encarando e aquilo me fez rir.

– O que foi? Oh, James, o Mike tá rindo da minha cara?

– Se afasta de mim. – Sorri.

Enquanto estávamos na fila vi Tony e os amiguinhos dele cercando o novato. James viu e falou para nós.

– Pelo visto o papai do Tony não vai precisar comprar um brinquedinho de Natal pra ele, mas com um cabelo desse, ele meio que pediu pelo sofrimento.

– Ouvi alguém dizer que ele é gay. – disse Marcus atrás de mim.

– Cara, não precisava ninguém dizer, ele já se expõe.

Tony falou algo pro garoto e fez seu pequeno teatrinho de estragar o dia daquele pobre infeliz, e eu já começava a ter um pouco de pena dele. Todo mundo ouviu a bandeja do garoto cair no chão. Algumas pessoas riram. Que ótimo, um palhaço do terceiro ano brincando de ser macho. Era tudo que adolescentes queriam hoje na vida deles.

– Você tá parecendo um homofóbico, James. – disse Marcus.

– Eu não sou homofóbico, só falei.

– Você ficaria com um menino, James?

– Sim, na verdade, Marcus, vem, deixe eu beijar você, você é meu homem. – Zombou James estendendo o braço perto de mim para alcançar o Marcus.

– Vocês me dão nojo. – Sorri.

– Achamos um de verdade! – riu Marcus.

– Um o que? – perguntei.

– Dizer que um casal gay lhe dá nojo, meu amigo. – respondeu Marcus. – Isso é ser bem homofóbico.

– Vocês não são um casal. – Fiz uma careta.

Nesse momento Marcus e James se olharam sorrindo.

– Nós somos! – gritaram os dois. O que fez várias pessoas olharem para nós.

Abaixei a cabeça. Quando a atenção para nós se dissipou eu sorri e falei.

– Parem ou eu espalho pra todo mundo que vocês são frutinhas.

– Se eu fosse uma fruta eu seria uma berinjela. – disse Marcus fazendo gestos obscenos no seu corpo.

– Berinjela não é uma fruta. – Retrucou James.

– Você só sabe estragar os prazeres das pessoas, James.

Pegamos nossas bandejas e sentamos nos nossos lugares de sempre. Tomei meu suco em silêncio enquanto meus amigos entravam numa discussão política infernal enquanto terminavam o almoço. Fiquei em silêncio até terminarmos e nos despedirmos no corredor das salas. Não vi o garoto em nenhumas das aulas que eu tive. Eu me perguntava se o Tony não teria aprontado mais uma com ele. Quando a aula acabou fui esperar minha mãe no estacionamento da escola, fiquei olhando meus sapatos e vi que precisavam de lavagem.

VERGONHA

Eu não acredito na ideia de um destino. Mas eu acredito que a pessoa que inventou o algodão doce merece um lugar aos céus, - se ele for o paraíso tão desejado. Entro no ônibus e sento no meu lugar, me concentro na música dos meus fones de ouvido. Era a segunda semana de aula na escola do ensino médio e eu já queria pedir a minha mãe que me tirasse daquele covil. Olhei minhas mensagens no celular e vi uma ligação perdida da kate. Abri o chat da conversa e vi uma mensagem dela.

Mamãe está a salvo. Nem sinal dele. Cê tá bem? Onde vai dormir?

Desligo o celular e olho pra janela do ônibus. O dia estava nublado aquela manhã, enquanto íamos em direção a escola, eu me preparava mentalmente para as provocações do Tony. Ele era forte e grande o suficiente para apavorar alguém e burro de mais para entender matemática básica. Agora eu era o escravo trabalhista dele. Eu era um alvo fácil, magro e o garoto gay da escola. No fundo, eu me sentia apavorado quando o Tony me olhava. Eu, infelizmente, conhecia aquele olhar.

Desci do ônibus e caminhei sem felicidade até a sala onde o Tony me disse que estaria. Entrei e o procurei com o olhar, mas a sala estava totalmente vazia, - exceto pelo garoto loiro que o Tony me fez cair em cima dele. Senti meu rosto ficar vermelho. Ele me olhou com seus olhos azuis claros e confusos. Abaixei minha cabeça e dei as costas saindo rapidamente dali. Andando mais a frente vi q eu errei de sala, aquilo foi bem fácil de acontecer, eu ainda estava me acostumando ao ambiente. Encontrei a sala e fui até a mesa de Tony, ele me viu se aproximando dele e deu um risinho. Me aproximei com minhas mãos trêmulas e coloquei o trabalho q fiz para ele. Olhei para ele, mas ele não disse nada então me virei para sair.

– O novato é bem formal demais. – Zombou Will, era um dos amigos de Tony.

– Onde você vai, sua merdinha? – retrucou ele e os outros dois amigos dele, o Ryan e a Helena riram juntos. – Então, quer ir pra minha casa esse fim de semana?

Eu nunca, jamais quis falar um não para alguém em toda a existência da minha vida. Mas, eu tinha escolha? Não, também. Balancei a cabeça confirmando.

– A gente joga, acende um baseado e fica de boa, você vai curtir. – disse Tony me olhando de novo com aquele olhar. Na verdade, todos ali me olhavam, como se quisessem sorrir. Eu esperava o ataque deles a qualquer momento. Fisicamente e verbalmente. Mas no caso do Tony era pior. Ele me olhava de forma sacana, era assim que poderia ser dito.

– Ok, eu vou. – *e eu iria para a toca do lobo?* Concerteza. *Pra não apanhar?* Certeza.

Tony não disse mais nada então me virei para ir embora e ouvi risadinhas atrás de mim, já estava fora da sala quando ouvi a voz irritante da Helena.

– Ele parece uma menina. Que garoto engraçado. – E os outros deram gargalhadas.

O professor de inglês havia pedido que para escolhermos um poema. Quando a aula começou ele me escolheu primeiro. Que maravilha. Ele não perguntou meu nome, só apontou o dedo: você! Fui até a frente com meu papel e segurei olhando para os alunos me olhando. O poema que escolhi se chama The Orange, de Wendy Cope. Comecei num tom razoável e firme:

E aquela laranja, ela me deixou tão feliz,

Como coisas comuns fazem com frequência

Recentemente. As compras. Uma caminhada no parque.

Isso é paz e contentamento. É novo.

Depois de alguns minutos, olhando para os outros alunos, o professor me encarou e falou:

– Curto. Mas é um bom poema. Diga, para mim e para seus colegas o que esse poema lhe fez sentir. O que você tem a dizer sobre ele?

Olhei para os alunos e depois para o garoto loiro. Ele me olhou e isso me deixou nervoso.

– Eu ... bom, a felicidade pode estar em coisas pequenas e simples. Como comprar uma laranja. Sair. Que fazer coisas simples podem nos fazer bem. Acho que seria isso

– É. Isso é bom. – disse o professor. – Pode sentar de novo.

Tive duas aulas seguidas de matemática nos primeiros horários do dia. Hoje já era sexta-feira e eu estava quebrando minha cabeça tentando arranjar uma desculpa para não ir a casa do Tony. Eu estava tentando abrir meu armário depois do horário do almoço, mas não conseguia abrir de jeito nenhum. Eu já estava dando umas batidas nele de raiva quando senti dois olhos me encarando. Olhei para o lado direito e lá estava ele, há uns